



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA:  
TERRITORIO, TERRITORIALIDADE E GEOGRAFIA**

**MISAEAL TRISTÃO DA CRUZ**

**ANÁLISE DA VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA NA  
COMUNIDADE CUBINHA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB**

**Guarabira  
2023**

**MISAEEL TRISTÃO DA CRUZ**

**ANÁLISE DA VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA NA  
COMUNIDADE CUBINHA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo Científico), apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

**Linha de Pesquisa:** Território, Territorialidade e Geografia

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Ma. Ana Carla dos Santos Marques

**Guarabira  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C234 Cruz, Misael Tristão da.  
Análise da vulnerabilidade socioeconômica na comunidade Cubinha no município de Sapé-PB [manuscrito] / Misael Tristão da Cruz. - 2023.  
32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Ma. Ana Carla dos Santos Marques, Departamento de Geografia - CH. "

1. Vulnerabilidade. 2. Vulnerabilidade socioeconômica. 3. Periferia . 4. Comunidade Periférica. 5. Sapé. I. Título

21. ed. CDD 364

MISAEEL TRISTÃO DA CRUZ

ANÁLISE DA VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA NA  
COMUNIDADE CUBINHA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB

Trabalho de Conclusão  
de Curso (Artigo  
Científico), apresentado  
ao Curso de  
Licenciatura Plena em  
Geografia como parte do  
requisito parcial para  
conclusão do Curso de  
Geografia.

Aprovada em: 05/07/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.ª. Ma. Ana Carla dos Santos Marques – DG/CH/UEPB  
(Orientadora)



Prof. Dr. Ivanildo Costa da Silva – DG/CH/UEPB  
(Examinador)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto – DG/CH/UEPB  
(Examinador)

## 043 – GEOGRAFIA

CRUZ, Misael Tristão da. **Análise da Vulnerabilidade Socioeconômica na Comunidade Cubinha no Município de Sapé – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), UEPB. Guarabira, 2023.

### RESUMO

O debate em torno da vulnerabilidade socioeconômica está cada vez mais presente, em função dos altos índices de desigualdade social que tem afetado a população, em especial aquelas que estão inseridas em áreas periféricas. Na geografia, a vulnerabilidade social é um conceito utilizado para descrever a condição em que determinados grupos ou indivíduos se encontram em situação de maior fragilidade e suscetibilidade a riscos sociais, econômicos e ambientais. Essa vulnerabilidade está relacionada a desigualdades socioespaciais e a diferentes fatores, como pobreza, falta de acesso a serviços básicos, discriminação, exclusão social, desemprego, entre outros. Nesta perspectiva, o presente trabalho buscar analisar a vulnerabilidade socioeconômica da Comunidade Cubinha, localizada no sentido para Cruz do Espírito Santo, às margens da PB-004 do município de Sapé-PB. Para a realização da pesquisa, foi inicialmente realizado um levantamento bibliográfico, para aprofundar o conhecimento sobre o tema em análise e em seguida a pesquisa de campo, para a realização de registro fotográfico, aplicação de entrevista com alguns moradores da Comunidade, para assim, mostrar a realidade de vulnerabilidade vivenciada no cotidiano dos moradores da Comunidade Cubinha.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade Socioeconômica. Periferia. Comunidade Cubinha

043 – GEOGRAPHY

CRUZ, Misael Tristao da. **Analysis of Socioeconomic Vulnerability in the Cubinha Community in the Municipality of Sapé - PB**. Completion of course work (Graduation in Geography), UEPB. Guarabira, 2023.

## **SUMMARY**

The debate around socioeconomic vulnerability is increasingly present, due to the high levels of social inequality that have affected the population, especially those located in peripheral areas. In geography, social vulnerability is a concept used to describe the condition in which certain groups or individuals are in a situation of greater fragility and susceptibility to social, economic and environmental risks. This vulnerability is related to socio-spatial inequalities and different factors, such as poverty, lack of access to basic services, discrimination, social exclusion, unemployment, among others. In this perspective, the present work seeks to analyze the socioeconomic vulnerability of the Cubinha Community, located in the direction of Cruz do Espírito Santo, on the banks of the PB-004 of the municipality of Sapé-PB. To carry out the research, a bibliographical survey was initially carried out, to deepen the knowledge on the subject under analysis and then the field research, in the economic description of the place with interviews with the residents, making the existence of a vulnerable group very clear, second to the socioeconomic effects in speeches and photographic records that reinforce the growing situation at risk in which they live irregularly, followed by theories that expose the Public Power as inefficient to stop the current situation.

**Keywords:** Socioeconomic Vulnerability. Periphery. Cubinha Community

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01:</b> Mapa de Localização da área de pesquisa .....	10
<b>Figura 02:</b> Plantio de mandioca ao fundo .....	11
<b>Figura 03:</b> Acesso de frente da Comunidade Cubinha.....	15
<b>Fígura 04:</b> Residência desoculpada.....	16
<b>Figura 05:</b> Documento de ordem de despejo.....	18
<b>Figura 06:</b> Lado posterior da PB 004, onde mostra as residências .....	20
<b>Figura 07:</b> Condições de mordadia na Comunidade Cubinha .....	21
<b>Fígura 08:</b> Gráfico comparativo de indivíduos e suas rendas na Cubinha.....	23
<b>Figura 09:</b> Condições de acesso a água na Comunidade Cubinha.....	26
<b>Figura 10:</b> Construção de moradia sobre a Ferrovia .....	27
<b>Fígura 11:</b> Fogão a lenha usado para o preparo das refeições.....	28

## SUMÁRIO

1- Introdução .....	10
2- Desenvolvimento Socioeconômico e Expansão Periférica no Município de Sapé/PB .....	13
3- Vulnerabilidade Socioeconômica da Comunidade Cubinha .....	20
4 - Considerações Finais .....	25
5 - Referências Bibliográficas	
6 - Apêndice	



## 1 INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade social e econômica é um fenômeno complexo que ocorre em diferentes escalas, desde níveis globais até locais. De modo geral, a vulnerabilidade, refere-se às disparidades econômicas entre países e regiões, em que grupos em países periféricos ou em áreas desfavorecidas, onde a população está mais propensa a enfrentar condições precárias de vida. A vulnerabilidade social pode estar associada também as desigualdades regionais e urbanas, onde certas regiões ou bairros sofrem com falta de infraestrutura, serviços básicos inadequados, baixo acesso a educação e saúde de qualidade, além de maior incidência de violência e criminalidade. Esses fatores contribuem para a exclusão social e agravam as condições de vulnerabilidade dessas populações.

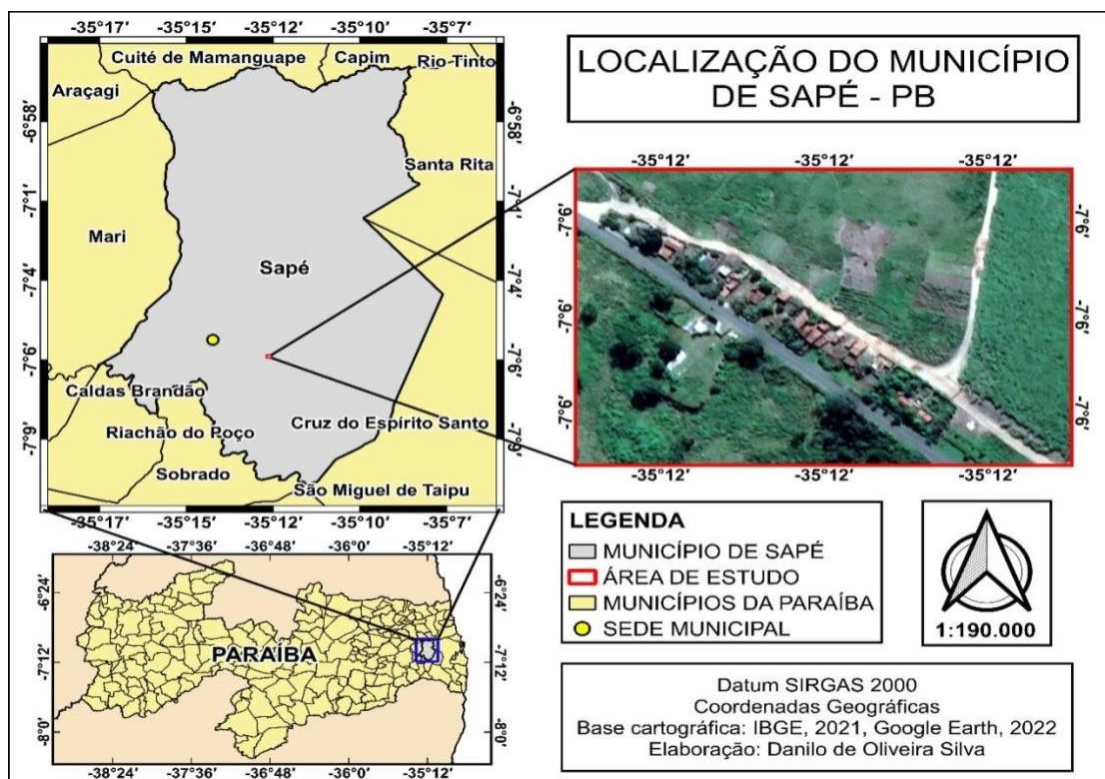
Para analisar as características e dinâmicas específicas de vulnerabilidade de uma determinada área geográfica, é importante considerar questões como a segregação socioespacial, a falta de investimentos em infraestrutura, a falta de empregos e oportunidades econômicas, além do acesso a aos serviços básicos de saúde, educação, renda e saneamento básico, ou seja, fatores que contribuem para a vulnerabilidade.

Em síntese, entende-se que a vulnerabilidade socioeconômica na geografia refere-se à condição de fragilidade e risco social e econômico em que determinados grupos encontra-se, devido as desigualdades socioespaciais, falta de acesso a serviços básicos e em alguns casos, a exposição a riscos ambientais. Nesta perspectiva, Hogan e Marandola (2006) afirmam que a vulnerabilidade está associada às desvantagens sociais, enquanto refletem as condições de pobreza, sendo que esses estudos são essenciais para entender os mecanismos de segregação social e econômica que historicamente marcam a expansão urbana, seja em áreas metropolitanas ou em cidades de médio e pequeno porte, como o caso em análise.

A partir desse entendimento, a presente pesquisa busca realizar

uma análise da vulnerabilidade socioeconômica da comunidade Cubinha, localizada no perímetro urbano do município de Sapé-PB (Figura 01) considerando os aspectos sociais, econômicos e as condições de vida da população da comunidade.

**Figura 01:** Mapa de Localização da área de pesquisa-Escala Numérica



**Fonte:** Base cartográfica do IBGE, 2021.

A comunidade Cubinha, está localizada no sentido leste em direção ao município de Cruz do Espírito Santo do município de Sapé/PB, especificamente às margens da rodovia PB 004, e tem seu processo de formação territorial em meados do ano de 2017, ocorrendo nas proximidades da rede ferroviária desativada. O seu processo de ocupação se deu de forma gradual, era uma área usada para plantio e aos poucos foram sendo construídas casas de taipa e aos poucos foi ocorrendo a permanência das pessoas.

Esse processo de formação da Comunidade Cubinha, foi ocorrendo de forma precária, sem infraestrutura e em um ambiente vulnerável

socioecômico. Além dessa condição de vulnerabilidade, os moradores residentes na referida comunidade sofrem com ameaças de ordem de despejo, por estarem inseridos em uma área de ocupação irregular. Nesse contexto, o poder público local negligencia a situação da comunidade e apenas ameniza de forma imperceptível, tendo em vista que as apropriações territoriais desses indivíduos são em busca de melhores condições de vida que não se sustentaram numa sociedade segregadora central no município que condicionou o surgimento de mais uma periferia.

Nesta perspectiva, Tessari e Barros (2008) afirmam que os investimentos em infraestrutura nas áreas periféricas, podem levar cinco, dez, quinze anos, dependendo da posição do bairro na estrutura urbana. Sendo assim, a periferização representa, não somente uma porção do espaço localizado na porção urbano-rural da cidade, mas também “localizada” na periferia das políticas públicas.

Moreira (2010) reforça ainda que o espaço é marcado pela sua fragmentação segregada em diferentes escalas sociais, o que aumenta a diferenciação na lógica de organização do espaço, na qual denota-se seletividade de distribuição das políticas públicas, reforçando-se as diferenças, cada vez mais complexas e dilaceradoras principalmente nas periferias.

A pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa, sendo feito inicialmente um levantamento bibliográfico para o aprofundamento do tema em análise, sendo em seguida, realizada uma pesquisa empírica para conhecer a realidade de vulnerabilidade socioecômica na qual a comunidade em análise está inserida, além da realização de registro fotográfico e aplicação de entrevista.

A partir da análise empírica, foi possível verificar o contexto de vulnerabilidade social e econômico que a Comunidade Cubinha está inserida. É importante ressaltar a negligência do poder público local em intervir para a realocação da Comunidade, já que convivem com a incerteza da permanência de suas residências, em função da ordem de despejo notificada pela empresa responsável pela administração da antiga linha férrea.

## **2. DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E EXPANSÃO PERIFÉRICA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB**

O município de Sapé está geograficamente inserido na Região Imediata e Intermediária de João Pessoa e de acordo com os dados do Censo de 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o referido município apresenta uma população estimada em 51.306 habitantes, o que representa um aumento de 2,32% em comparação com o Censo de 2010.

Ainda de acordo com o IBGE, no ano de 2021, o salário médio mensal era de 1.7 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 8.1%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 51% da população nessas condições.

Outro ponto importante em relação ao município de Sapé, é que seu progresso econômico e conseqüentemente sua expansão urbana, está relacionada a chegada da linha férrea. A inauguração da estação ferroviária ocorreu em 7 de setembro de 1883 e se torna um marco decisivo para Sapé, que conquistou sua emancipação política por meio da lei nº 627, de 12 de janeiro de 1925 (MAIA, 1985). Esse fator é importante para entender como Sapé aos poucos foi crescendo economicamente e aos poucos foi dando o processo de expansão urbana.

A partir da chegada da linha férrea, foi surgindo outras edificações que atraíam pessoas de outras localidades para o município que se aglomeravam e constituía o povoado da vila de Sapé, que até então não havia se constituído como cidade (ARIMATEIA, 2017). Em relação as atividades econômicas, o município de Sapé tem como destaque a produção da culturas como a cana de açúcar e o abacaxi, entre outras culturas e também as atividade ligadas ao comércio.

O município de Sapé apresenta uma economia diversificada entre os setores primário e terciário, o que possibilita uma dinâmica urbana e de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é classificado na hierarquia urbana como Centro Local. Na comparação com os outros

municípios do estado, ocupava as posições 138 de 223 e 109 de 223, respectivamente, o que o colocava na posição 103 de 223 dentre as cidades do estado.

As atividades econômicas historicamente desenvolvidas no município, e o seu crescimento demográfico, contribuiu para sua expansão urbana, visto que esse processo está relacionado ao crescimento físico e demográfico das áreas urbanas, resultando no aumento do território ocupado pela cidade. Porém esse crescimento pode ser positivo ou negativo, pois quando ocorre de forma planejada essa expansão contribui para o fortalecimento dos setores produtivos e habitantes da cidade, mas quando ocorre de maneira desordenada pode ocasionar a ocupação irregular de áreas rurais, formação de assentamentos informais ou favelas, e consequente falta de infraestrutura e serviços básicos nessas áreas.

Nesse sentido Correa (1995) afirma que o espaço urbano é o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si, ou seja o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão.

A geografia estuda a expansão urbana para compreender a dinâmica da cidade, ou seja, as dinâmicas sociais e suas contradições, pois entender isso é essencial para que possam construir políticas públicas e estratégias de desenvolvimento urbano menos desigual.

De acordo com Correa (1995) os agentes sociais que compõem o espaço urbano são os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Portanto os grupos sociais excluídos, são aqueles que não possuem renda para pagar o aluguel de uma habitação digna ou ao menos para comprar um imóvel, e que somado ao desemprego e a outros fatores de vulnerabilidade, caracterizam a situação social dos grupos excluídos (CORREA, 1995), como o caso em análise, pois a Comunidade Cubinha está inserida nesse contexto de vulnerabilidade social e econômica. Soma-se a ideia de Marandola Jr e Hogan (2003), afirmando que:

A vulnerabilidade é extremamente dinâmica, além de poder apresentar sazonalidades até em pequena escala temporal. Isto porque uma avaliação da vulnerabilidade passa pela compreensão do perigo envolvido (eventos que causam dano), do contexto geográfico e da produção social (as relações sociais, culturais, políticas, econômicas e a situação das instituições), que revelarão os elementos constituintes da capacidade de resposta, absorção e ajustamento que aquela sociedade ou lugar possuem para enfrentar o perigo. Qualquer alteração em um dos termos envolvidos pode aumentar ou diminuir a vulnerabilidade (MARANDOLA JR E HOGAN 2003, p. 37).

O processo de expansão urbana, pode ocasionar também a periferização, que é o processo de marginalização ou exclusão de determinadas áreas ou bairros dentro das cidades, ou seja, a periferização é “a acumulação desigual de capital, refletida nas condições de moradia” (MOURA, SOARES, 2009: 23). À medida que a cidade se expande, novas áreas periféricas são criadas, muitas vezes caracterizadas pela falta de infraestrutura adequada, serviços públicos precários, como o acesso a educação, saúde e saneamento básico.

A cidade vai sendo ocupada por atividades comerciais e industriais, e com isso vai se capitalizando, tornando-se cara para muitos de seus habitantes, o que contribui para a expulsão das populações mais pobres para os loteamentos, áreas de ocupação ou áreas de risco, facilitando a criação de condições desiguais de aproveitamento das oportunidades oferecidas pelas cidade e favorecendo a exclusão social e econômica (SANTOS, 2017).

Nesse contexto, a Comunidade Cubinha se caracteriza como sendo a materialização da forma excludente que a expansão urbana pode se concretizar. O contexto no qual a Comunidade está inserida, reforça esse modelo segregador que tem marcado o crescimento urbano, mesmo em cidades pequenas.

**Figura 03:** Acesso de frente da Comunidade Cubinha.



**Fonte:** Trabalho de Campo, 2022.

A periferização em pequenas cidades, dentro do contexto da geografia, pode ser compreendida como um processo em que determinadas áreas ou bairros dentro dessas cidades são marginalizados ou excluídos do desenvolvimento econômico, social e político, ou seja, em pequenas cidades, a periferização pode ocorrer de maneiras diversas, mas geralmente envolve a concentração de investimentos, serviços e oportunidades nas áreas centrais ou nos bairros mais favorecidos, enquanto as regiões periféricas sofrem com a falta de infraestrutura, serviços básicos e empregos.

Vale, contudo, ressaltar que a discussão da periferia inicia-se claramente como base de um processo de produção do espaço urbano. O termo periferia não é imposto a seus moradores; ele é sempre utilizado e claramente percebido por seus produtores como uma apropriação desigual do espaço urbano. A periferização representa, a priori, um resultado do processo de expansão do tecido urbano, incorporando à cidade porções de glebas que antes tinham o uso rural (TESSARI e BRAGA,

2008, p 217).

A situação da Comunidade Cubinha se intensifica em virtude da condição vulnerável dos riscos existentes nessa área periférica, onde falta serviços essenciais para que a população volte a ter um futuro decente. Sendo assim, os autores Tessari e Braga explicam que a “periferização representa, não somente uma porção do espaço localizado na porção urbano-rural da cidade, mas também “localizada” na periferia das políticas públicas” (TESSARI E BRAGA, 2008, P 216).

Portanto, a Cubinha que se encontra nessa análise vulnerável do ponto de vista socioeconômico, tem péssimas perspectivas futuras de desenvolvimento dos que habitam aquela comunidade, com auto valor de segregação expansora um panorama de vulnerabilidade não somente socioeconômica na pesquisa, mas habitacional, alimentícia, trabalhista e o pouco resguardo municipal que “tenta” a anos reverter esse quadro.

**Figura 04:** Condição de moradia na Comunidade Cubinha



**Fonte:** Trabalho de campo 2022.

Assim, ressalta-se que a vulnerabilidade ocorre mediante a



“defasagem ou falta de sincronia entre os modos de acesso as estruturas de oportunidades que oferecem o mercado, o Estado e a sociedade e os ativos dos domicílios que permitiriam aproveitar estas oportunidades (JATOBÁ, 2011, P. 146).

Nesse perspectiva, destaca-se as fragilidades vividas pelos moradores locais evidencial um cenário vulnerável, onde a áreas periférica as quais estão inseridos ligam-se as perspectivas pessoais, percepções e á própria dimensão objetiva da vulnerabilidade (MARANDOLA JR., 2006a; 2006b).

Nessa acepção, a vulnerabilidade social, seja ela de ordem pessoal ou econômica, pode ser caracterizada, portanto, pela exposição de famílias a fatores de risco, podendo estar presente em apenas uma família ou em uma comunidade por inteiro. As suas particularidades estão associadas ao fato da impossibilidade de alterar a condição em que se encontram atualmente, muitas delas vivendo em condições insalubres e sem acesso a serviços básicos, como higiene, educação, saúde e moradia inadequada (CARARA, 2016 apud BATISTA et al, 2020 p. 3).

Para Marandola (2006) o estudo da vulnerabilidade é quando se faz a associação entre natureza-ambiente-sociedade diante da paisagem marcada por com várias situações de risco social, econômico e até mesmo ambiental, o que caracteriza a vulnerabilidade socioeconômica presente na Comunidade Cubinha.

De acordo com as informações levantadas na pesquisa empírica, a Comunidade Cubinha, tem aproximadamente 10 famílias residentes no local, porém de acordo com os moradores esse número pode variar pois sempre, pois segundo os entrevistados existe muitas vezes uma mobilidade de pessoas de outras áreas periféricas da cidade, que residem temporariamente no local em busca de doações.

“Mas aqui é o seguinte, tem gente que, porque aqui vem doação... Digamos assim, o povo vem fazer doação final de ano, dá uma cesta básica, aí tem umas pessoas que tem casa lá nos outros cantos e corre pra cá. Quando chega essa época (final de ano) faz um barracinho e “soca” dentro entendeu?!” (M, registrado

em 10/06/2022).

O processo de formação territorial da comunidade Comunidade Cubinha se deu as margens da linha férrea que corta a cidade, sou seja, é uma área de ocupação irregular, e nesse cenário os moradores precisam conviver com a instabilidade de sua permanência no local. Uma vez que, se trata mediante as falas dos moradores, ser uma comunidade pequena e que não existe um representante ou associação comunitária que fale pela comunidade em detrimento das ações coletivas; existe sim, um consenso quando se trata de uma representatividade no recebimento e pagamento da energia elétrica da comunidade de acordo com a pesquisa.

Além do mais, os moradores contam com ordem de despejo, viabilizando sua permanência na localidade e até na tomada de decisão em formar uma liderança representativa diante da Ferrovia Transnordestina Logística S. A., empresa responsável pela malha ferroviária, como indica na documentação emitida para cada morador na figura abaixo.

**Figura 05:** Documento de ordem de despejo.

**ftl** NOTIFICAÇÃO DE OCORRÊNCIA

Para presente instrumento, a FERROVIA TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA S.A. com sede na Av. Francisco Sá, nº 4829, Bairro Anário Wayne, Fortaleza - Ceará, CEP: 60.335-195, doravante denominada FERROVIA TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA S.A., inscrita no CNPJ/ME sob o nº 17.234.244/0001-31, na qualidade de concessionária do direito de exploração do Transporte Ferroviário da Malha Nordeste e de arrendatária dos bens de propriedade da RFFSA, vem:

NOTIFICAR V.S.A. Jenildo Esposito Silva

RG/CPF nº \_\_\_\_\_ residente na Rodovia 20 e 01, Nova Cuba

nº 97 Bairro Nova Cuba Município Guatubera UF PE

Endereço da ocorrência:  
 Km 11,7 Rodovia 20 e 01, Bairro Nova Cuba / Município Guatubera / UF PE

Traça-se:  Residência /  Furo /  Cerca /  Posto comercial /  outras:

com \_\_\_\_\_ metros de extensão, distante \_\_\_\_\_ metros das trilhas. 9,27

PROMOVER A IMEDIATA DESOCUPAÇÃO DA FAIXA DE DOMÍNIO, AOS CUIDADOS DA FERROVIA TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA S.A.

NÃO HAVER CONTINUAÇÃO A OBRA OU SERVIÇO QUE ESTÁ SENDO EXECUTADO NA QUILTA AS FAIXA DE DOMÍNIO, AOS CUIDADOS DA FERROVIA TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA S.A.

PARALISAR A DEFIÇÃO DE BEM PÚBLICO, BEM COMO, PROMOVER A IMEDIATA RECONSTRUÇÃO DA EDIFICAÇÃO AVARIADA, AOS CUIDADOS DA FERROVIA TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA S.A.

Derivante, o desatendimento aos termos da presente NOTIFICAÇÃO, significará CRIME DE USURPAÇÃO, previsto no art. 151 da Lei Substitutiva Penal, in verbis:

Art. 151. Suprimir ou despojar terreno, marso ou qualquer outro bem indicativo de linha divisória, não reconstruí-lo, no todo ou em parte, de costa irregular.

Penal - detenção: de 1 a 6 meses, e multa.

As demais providências a serem adotadas serão per tuatamento e arts. 1.228 e 1.248 parágrafos, do Código Civil Brasileiro.

Art. 1.228. O proprietário tem a faculdade de usar, gozar e dispor da coisa, e o direito de reaver a do poder de quem quer que injustamente a possua ou detinha.

Esclarecemos, igualmente, que a faixa de segurança é preservada por decreto Federal e quaisquer projetos a serem executados nessas áreas deverão ser objeto de análise e prévia aprovação pela FERROVIA TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA S.A. em conformidade com as normas e condições necessárias a emissão de TERMO DE PERMISSÃO DE TRAVESSIA OU TERMO DE PERMISSÃO DE USO.

OLIVEIRA FERROVIA TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA S.A. Jenildo Esposito Silva NOTIFICADO

TESTEMUNHA TESTEMUNHA

Endereço: Avenida Francisco Sá, nº 4829 - Bairro Anário Wayne - Cep: 60.335-195 - Fortaleza - Ceará

**Fonte:** Trabalho de Campo, 2022. Documento cedido por morador.

Portanto, fica evidente que cada morador vive de forma insegura com poucas perspectivas futuras e vulneráveis por essa situação, mas também informam que ali se sentem menos violados pela sociedade “segregadora”. Nesse sentido, Correa (1995) afirma que a segregação residencial pode ser entendida como um meio de reprodução social, e nesse sentido, o espaço social age como um elemento condicionador sobre a sociedade, o que se torna um processo que cria uma tendência a uma organização espacial e ocasiona uma homogeneidade social interna, mas uma disparidade entre essas áreas, pois o espaço urbano fica claramente fragmentado e segregado. Com base no trecho abaixo, é possível evidenciar esse processo de formação da Comunidade:

Depois veio dono(a) “Z” que morava no final da Cuba (OUTRA PERIFERIA), pediu pra pegar o pedaço de terra pra trabalhar depois se abusou porque o pessoal roubavam muito as plantações aí ficaram só nós 3. Não tinha ninguém, não tinham barraca a gente só fazia trabalhar e de tarde todo mundo ia “simbora”. Aí eu e “L” pensamos: “mais mulher a gente todo dia aqui dá uma viagem pra casa vamos inventar uma barraca pra nós viver”, aí ela disse: vamos. Aí começamos a fazer pequena do tamanho dessa pra eu, ela, pro meu menino e pro dela, nós 4 e ficamos a trabalhar. Aí ficou chamando gente quando viu a barraca da gente, chegou gente pedindo pra fazer barracas não era da gente eu dizia faz aí, outro chegava pegava um pedaço e fazia aí hoje tá essa rua todinha. Muitos foram “simbora” deixou a casa pra outra pessoa e assim até hoje nós estamos aqui. (M, registrado em: 10/06/2022).

A vulnerabilidade socioeconômica e a ausência de ações efetivas do poder público em realocar essas famílias e garantir uma moradia com condições dignas e acesso aos serviços básicos, principalmente a saúde e saneamento básico, são as principais necessidades apontadas pelo moradores da Comunidade Cubinha, fato verificado durante a pesquisa empírica.

De acordo com Marandola Jr (2009, p. 164.), “tratar de pobreza e degradação urbanística em espaços periféricos, pode ser uma relação simplista,

mas que não se sustenta quando se presta atenção aos efeitos da vizinhança na capacidade das pessoas de lidarem com os perigos a que estão expostas”.

Esses perigos são as situações vulneráveis refletidas pelo modelo socioeconômico da falta de condições de emprego, situações insalubres de habitação, situações de proveitos ao sobressair mais que o outro na comunidade, já que esta não representatividade local, a falta de saneamento básico que não chega no local, fornecimento de energia tabelado a um único valor e o principal risco inerente a perda de suas edificações habituais construídas em áreas irregulares.

A vulnerabilidade socioeconômica está conectada fortemente ao estudos sobre a “pobreza, em que outros tempos eram conceituados a partir das exclusões/inclusões, marginalidade, *apartheid*, periferização, segregação, dependência, entre outros” (HOGAN; MARANDOLA JR., 2005, p. 35). Todos esses conceitos se tornam expressivos na realidade vivenciada pela Comunidade Cubinha e que reforçam as dinâmicas de suas características. Nesse viés, fazer a associação entre os elementos sociais e econômicos do município ao passo de caracterizar o quanto os moradores da referida comunidade estão vulneráveis, como mostra as figuras abaixo.

**Figura 07:** Condições de mordadia na Comunidade Cubinha



**Fonte:**Trabalho de Campo, 2022.

Para Marandola Jr (2009), o processo de vulnerabilidade socioeconômica é tangível quando se coloca em questão os riscos e as fragilidades das condições de vida imposta em espaços vulneráveis, como risco, perigo, resiliência, adaptação, desastres, fragilidades, por exemplo. É uma construção que permiti ver as facetas, os momentos específicos das edificações em torno da vulnerabilidade do local, na compreensão em conjunto abrangendo a vulnerabilidade socioeconômica. Nesse sentido afirma, Jatobá (2011) que:

Relacionar num mesmo contexto a dimensão vivida dorisco, as imagens criadas em torno do perigo; a dimensão socioeconômica de ação política de enfrentamento do risco, os contextos geográfico e social de produção e ocorrência do perigo; e a técnico-científica, que analisa o processo e a amplificação ou atenuação do risco mediante a comunicação, é um desafio quase incomensurável (JATOBÁ, 2011, p. 144).

Destarte fazer uma análise em uma cidade de pequeno porte como Sapé, com sua média de 50 mil habitantes aproximadamente, é possível evidenciar a segregação urbana, logo cenário vulnerável em que os moradores não somente da Comunidade Cubinha vivenciam, mas também dos moradores de outras áreas periféricas da cidade. Nesta perspectiva, “morar na periferia é condenar-se duas vezes à pobreza. À pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modo territorial (SANTOS, 2014, p. 143).

Residir em condições de vulnerabilidade é conviver diariamente com a falta de infraestrutura e saneamento, dificuldade no acesso as serviços básicos e negligência do poder público local. O que diferencia, portanto, o enfoque da vulnerabilidade, é que esta permite trabalhar não somente com as carências materiais dos indivíduos, das famílias ou dos grupos sociais da Cubinha, mas também com os recursos e os ativos que estes dispõem para enfrentar situações de risco (JATOBÁ, 2011).

Logo, morar na periferia é, considerar que na maioria das cidades

brasileiras, o destino dos menos favorecidos (pobres), estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos (SANTOS, 2014).

### **3 VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA DA COMUNIDADE CUBINHA**

Uma característica perceptível do desenvolvimento socioeconômico de uma determinada área é que nem todas as pessoas têm igual acesso aos bens e serviços disponíveis, sendo assim, existe lugares mais ou menos desiguais para diferentes grupos populacionais. Com base nisso, existem pobres, analfabetos e alfabetizados, empregados e desempregados, vulneráveis ou não (SEDDON, 2014).

A Comunidade Cubinha concentra cerca de 10 famílias, e sua renda é caracterizada por aposentadoria, auxílios provenientes de política de distribuição de renda, como o Bolsa Família, além de atividades informais. Outra questão marcante em relação ao sustento das famílias é que muitos recebem doações de alimentos e roupas, seja de parentes ou vindo de outras fontes. A partir do trabalho de campo, foi verificado que a Prefeitura Municipal de Sapé não dispõe um plano definitivo ou um programa de apoio que vise solucionar a situação da referida comunidade.

É na cidade que ocorre a dinamização das relações sociais e também as desigualdades decorrentes dessas relações e que evidenciam o processo de reprodução da lógica capitalista de produção. Nesse sentido, podemos associar que pobreza e urbanização crescem simultaneamente com o desenvolvimento urbano e em escalas distintas (POLITORI, 2014).

A partir da análise empírica, verifica-se que a Comunidade Cubinha, está inserida em um contexto de vulnerabilidade socioeconômica, além de ser reflexo do processo de periferização do espaço urbano de Sapé, como afirma o depoimento abaixo:

“Rapaz, aqui a gente precisa de água, energia, alimento. Aqui a gente só tem quando os povos de boa vontade vem trazer ou quando pode também ajudar a gente somente. E a gente vai pro posto (Posto de unidade familiar) ali é distante, arriscando a vida gente também porque era pra ter um posto aqui perto daqui não era?!”

Essas casas aqui. Tudo bem dizer pra gente fica distante, quem não tem carro vai de bicicleta, quem não tem bicicleta vai a pé. E assim vai a vida, não há vida da gente assim do jeito que Deus permitir, a gente ter saúde e força, e boa vontade de andar". (Morador(a) da comunidade: J, 2022)

Em relação ao de conceito de vulnerabilidade, destaca-se aqui os estudos apresentados por Jatobá (2011) embasado por Cutter (1996 apud HOGAN; MARANDOLA Jr, 2006) e nas análises de autores como Cunha (2004), Hogan; Marandola Jr (2006), Kaztman e Filgueira (2006), apontam que há 3 tipos principais fatores para definições da vulnerabilidade: **1)** a exposição a risco, que está relacionado a pessoas ou a grupos sociais e não a lugares; **2)** a estrutura de oportunidades que as pessoas ou os grupos sociais dispõem para enfrentar estes riscos; e **3)** a capacidade de resposta aos riscos.

A correlação desses fatores são importantes para identificar a situação vulnerável em que se encontra a Comunidade Cubinha, em que se encontram expostos a variados riscos subentendidos diante da vulnerabilidade local, uma vez que na periferia esses serviços se encontram numa sociedade segregada entre os que têm acesso às mercadorias e serviços numa base permanente e aqueles tendo as mesmas necessidades, não estão satisfazendo-as, devido ao acesso esporádico ou a falta de renda, criando diferenças quantitativas e qualitativas de consumo (SANTOS, 1978, apud ROMA, 2008).

Durante o trabalho de campo, um fato importante a evidenciar que embora vivenciem sob condições vulneráveis, os moradores da Comunidade apresentam uma expressiva conexão com o lugar e com a paisagem sendo construída com suas próprias mãos. Os poucos objetos detectados durante a pesquisa no que tange a locomoção ou ida até o centro da cidade são mais bicicletas e motos, sendo visto também um carro sucateado que aparentava funcionar. Nesse sentido, Marandola Jr (2009) afirma que cada coletividade que habita a cidade, vai se territorialização, e isso é vital para o estabelecimento de laços de pertencimento e enraizamento, pois as identidades se territorializaam, definindo as pessoas pertencentes a determinado grupo ou território.

Assim, considerar a análise do contexto de vulnerabilidade socioeconômica na Comunidade Cubinha, desde seu processo de formação

territorial, permite verificar os perigos e a vulnerabilidade dos moradores, é uma estratégia que permite, em microescala, apreender os elementos que interferem na produção, aceitação e mitigação dos perigos (MARANDOLA, 2009, p. 165).

Os riscos que arroteiam essa comunidade periférica, a partir do momento que se faz os estudos no local sobre vulnerabilidade socioeconômica se destacam a falta de saneamento básico, habitações irregulares e precárias, a não distribuição de energia de forma correta, o não acesso a água potável, tendo que se deslocar para manter o abastecimentos de água (Figura 06) inclusive correndo risco de morte ao atravessar uma a rodovia, pois na área não sinalização adequada, como faixa de pedestre, por exemplo.

**Figura 09:** Condições de acesso a água na Comunidade Cubinha



**Fonte:** Trabalho de Campo, 2022. Imagem autorizada pelas moradoras da Comunidade Cubinha

Um outro fator a ser citado é a ausência de saneamento básico para o



tratamento do esgoto provenientes das residências, e somado a isso, o poder público local negligencia a realidade vivenciada pela Comunidade Cubinha, pois não há uma assistência efetiva para amenizar as condições de vulnerabilidade dos moradores e principalmente a garantia a moradia, já que a Comunidade convive com a insegurança da ordem de despejo.

É válido ressaltar que as construções de moradia na referida comunidade, ultrapassa os limites permitidos de acordo com a lei. As zonas destacáveis de distanciamento permitidas por lei são as que correspondem aos 15 metros de ambos os lados. A Lei nº 14.273, de dezembro de 2021, deixa claro em seu “Art. 24 que mesmo estando desativada, a ferrovia é parte integrante da união que ultrapassando 5 anos de inexpressividade da via, esta por ventura, poderá ser utilizada por finalidades que não impeçam sua posterior reutilização como ferrovia.

**Figura 10:** Construção de moradia sobre a Ferrovia



**Fonte:** Trabalho de Campo, 2022.

Diante desse cenário, a Comunidade Cubinha é incorporada na análise das vulnerabilidades existentes que identifica a questão social e econômica, que independentemente do “lugar” geográfico em que os periféricos se

encontrem, os desafios de desmontar as estruturas que mantêm a pobreza são essenciais para mitigação dos riscos (SANTOS, 1998, p. 183). Estes efeitos estão relacionados às características da dinâmica demográfica da Cubinha ou à sua situação socioeconômica, ligadas ao ciclo vital, à estrutura familiar ou aos aspectos migratórios (MARANDOLA, 2009, p. 164).

A vulnerabilidade socioeconômica que afeta a Comunidade Cubinha é fonte para compreensão da dinâmica do espaço urbano, considerando as desigualdades sociais e econômicas impressas nas condições de vida da população local, que cotidianamente precisa superar as dificuldades impostas pela segregação urbana. Muitos ali residem de forma improvisadas, sem saneamento básico correm risco eminente de varias doenças contagiosa, principalmente idosos com idades 60 anos em diante que correspondem a uma taxa de 50% da população local e muitas crianças nas faixas de idade dos 5 anos somam mais 35%. Um exemplo dessas dificuldades diárias é o próprio processo de preparação dos alimentos, que na maioria das famílias residentes é feita no fogão à lenha (Figura 07).

**Figura 11:** Fogão à lenha usado para o preparo dos alimentos.



**Fonte:** Trabalho de Campo, 2022.

Nesta perspectiva, a consolidação desta comunidade Cubinha no espaço periférico é fonte de estudo para aprimorar as análises das situações vividas pelos moradores diante da vulnerabilidade instalada naquele território. Uma vez que, em concordância com Silva (2007) o crescimento da população e a falta de planejamento das cidades ocorreu um grave problema: a segregação, que se caracteriza tanto espacial, relacionada a distância entre moradias de diferentes grupos, como a social que está relacionada a distância de condições no que diz respeito ao acesso de, elaboração e execução de políticas

Portanto, estudar sobre a vulnerabilidade na esfera socioeconômica é relacionar os riscos sociais e econômicos que os indivíduos passam no espaço habitado, como o caso em análise. É importante enfatizar a necessidade de políticas públicas eficazes para que os moradores da Comunidade Cubinha possam ter acesso a melhores condições de vida.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa se propôs a analisar a vulnerabilidade socioeconômica na Comunidade de Cubinha, localizada às margens da rodovia, no município de Sapé-PB. Como base nessa análise foi possível constatar a situação vulnerável pela existência populacional de idosos e crianças que estão crescendo em um território que exprime carência Pública, no que tange todos os serviços básicos essenciais e dignos de uma sociedade como também sujeitos a despejo a qualquer hora e o Poder Público não está sendo efetivo no desenvolvimento insustentável ou até na realocação desses indivíduos numa terrível situação em que está inserida a referida comunidade, tendo em vista, como foi relatado os moradores não tem garantido seus direitos de acesso a moradia digna, assim como existem dificuldades no acessos a serviços básicos como saúde e saneamentos básico, por exemplo.

É importante salientar que os estudos relacionados a vulnerabilidade socioeconômica e áreas segregadas, sobretudo em cidade pequenas, é importante para entender a dinâmica do espaço urbano e das desigualdade que se produz, sobretudo, quando esses espaços de exclusão são negligenciados no tocante a solução efetiva por meio de políticas públicas efetivas.

## REFERÊNCIAS

BARTOLY, FLÁVIO. **Debates e Perspectivas do Lugar na Geografia**. Universidade federal Fluminense.

[CARACTERÍSTICAS DAS CIDADES DE PEQUENO PORTE \(1library.org\)](#), Acessado em 10/12/2022.

Dos Reis Rebouças, Fádia. **O lugar da Periferia como Possibilidade de Efetivação da Participação Social no Planejamento urbano**. Brasília, 2018, Departamento de Geografia.

Ferreira, José de Arimatéia. **A centralidade urbana de Sapé-PB** / José de Arimatéia Ferreira. – João Pessoa, 2017. 51 p. : il.- color. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba.

JATOBÁ, S. U. S. Urbanização, Meio Ambiente e Vulnerabilidade Social. **IPEA**, boletim regional, urbano e ambiental – 05 jun. 2011.m

[L14273 \(planalto.gov.br\)](#), acessado em 10/01/2023.

NOTATO Cláudia, FELÍCIO Fernando e ACOSTA Camila. **Periferia: um lugar para a identidade no discurso de jornalistas**. E-compós aceito em: 10/02/2020.

MOREIRA, Orlando Junior. Segregação Urbana Em Cidades Pequenas: Algumas Considerações A Partir Das Escalas Intra E Interurbanas. R. RA`E GA, Curitiba, n 20, p 133-142, 2010. **Editora UFPR**.

MAIA, S.A.R. **Sapé: Sua História - Suas Memórias de 1883-1985**. João Pessoa- PB: UNIGRAF, 1985. 248 p.

MARQUES Cláudia Roma. **Segregação Socioespacial Em Cidades Pequenas: Entre Semelhanças e Diferenças**. FCT-UNESP – Presidente Prudente/SP – Brasil.

MOURA, G. G.; SOARES, B. R. A periferia de Uberlândia/MG: da sua origem até a sua expansão nos anos 1980. *Caminhos de Geografia*. Uberlândia, v.10, n.32, p. 22-40, dez/2009.

OLIVEIRA K. Silva. A periferia causada pela desigual urbanização brasileira. **Revista Urutáqua**

– revista acadêmica multidisciplinar – [www.urutagua.uem.br/011/11silva.htm](http://www.urutagua.uem.br/011/11silva.htm) Nº 11 - Dez/Jan./Fev./Mar.2017 – quadrimestral – Maringá – Paraná Brasil – ISSN 1519.6178 **Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Maringá (DCS/UEM)**.

OSCAR José Rover e Fracieli de Cesário. **Representatividade de segmentos**

**sociais mais vulneráveis em políticas de desenvolvimento regional.**

SANTOS Milton. Pobreza Urbana. Bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. – 3.ed. – São Paulo: **Editora da Universidade de São Paulo**, 2009. 136 p; 14 X 2 cm – (Coleção Milton Santos;16).

POLIDORI, M. C., PERES, O. M., & TOMIELLO, F. (2014). Efeito de borda urbano, concentração, exclusão e irregularidade. **Projectare: Revista de Arquitetura e Urbanismo**, (6), 108-120

SANTOS et al. O lugar dos pobres nas cidades: exploração teórica sobre periferização e pobreza na produção do espaço urbano Latino-Americano. urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana** (Brazilian Journal of Urban Management), 2017 set./dez., 9(3), 430-442.

SANTOS Milton. A Urbanização Brasileira. **Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC Ltda**, 1993.

Santos, Fernando Silva dos. **Realocação da Comunidade Cuba de Cima em Sapé- PB: Uma proposta de Desenho Urbano**. João Pessoa, 2018.123f.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. 7. Ed., 2. Reimpr. – São Paulo: **Editora Universidade de São Paulo**, 2014.

SANTOS, Milton. Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. 6. Ed. – São Paulo: **Editora da Universidade de São Paulo**, 2008.

SANTOS Milton, ADÉLIA Maria e LAURA Maria. Território: Globalização e Fragmentação.

**Editora HUCITEC**. ANPUR 4ª edição, São Paulo, 1998.

TIARAJU D' ANDREA. Contribuições para a Definição dos Conceitos Periferia e Sujeiras e Sujeitos Periféricos. **CEBRAP**, São Paulo, v39n01, Jan. – ABRI. 2020.

TUAN, Yi-Fu, 1930. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DA ENTREVISTA 01

**Pesquisador:** Misael Tristão Da Cruz

**Matrícula:** 172430020

Entrevista realizada dia 10/06/2022

#### 1º Entrevistado

**1 – Misael:** Como a Senhora é uma das primeiras moradoras desta comunidade, queria que a senhora falasse como se deu o processo de ocupação aqui na “Cubinha”?

**Entrevistado:** Faz muito tempo. Isso daqui era manga de roçado; olhe de lá onde mora aquela primeira carreira da primeira casa até o final da fazenda de Edmundo, isso daqui era de nós todo, cada um tinham um pedaço. Um pegava uma parte de terra desse lado partia pra outra, e de outra partia. Assim até o final da fazenda, aí foi no tempo dos mais velhos, que foi desprezando, não podia mais trabalhar e foi tempo que fez agrovila (um dos bairros de Sapé) e foi abandonando. Era tudo roçado o roçado era da gente trabalhar, como agora a gente trabalha aí e por todo quanto, aí aquele povo mais velho foi morrendo e a manga ficando pro outro; pegava e ficava trabalhando, então quando a Dona Maria (outra pessoa que já faleceu) deixou de trabalhar e não podia mais. A manga dela pegava até a cerca de Cleusa (moradora atualmente) até lá em baixo aqui pegava “binhano” (morador) até “cular” da casa de Tuta (morador) pra cá, e de lá pegava seu Chico (morador) até o pé da jaca e de lá pegava eu, dona Rosa, seu Antônio e o resto do pessoal. E o povo foi saindo, morrendo, deixando tudo desocupado aí ficou só eu “Lela” e Dona Maria, depois começaram a chegar gente e pegavam os pedaços de terra ficou eu dona Lindalva, Lela, dona Antonia e aí depois foram “simbora” morar na agrovila. Depois veio dona Zefinha que morava no final da Cuba, pediu pra pegar o pedaço de terra pra trabalhar depois se abusou porque o pessoal roubavam muito as plantações aí ficaram só nós 3. Não tinha ninguém, não tinham barraca gente só fazia trabalhar e de tarde todo mundo ia “simbora”. Aí eu e Lela pensamos: “mais mulher a gente todo dia aqui dá uma viagem pra casa vamos inventar uma barraca pra nós viver”, aí ela disse: vamos. Aí começamos a fazer pequena do tamanho dessa pra eu, ela, pro meu menino e pro dela, nós 4 e ficamos a trabalhar aí ficou chamando gente quando viu a barraca da gente, chegou gente pedindo pra fazer barracas não era da gente eu dizia faz aí, outro chegava pegava um pedaço e fazia aí hoje tá essa rua todinha. Muitos foram “simbora” deixou a casa pra outra pessoa e assim até hoje nós estamos aqui.

**2- Misael:** Existe algum amparo municipal ou até da sociedade em ajudar a senhora ou a comunidade com algum auxílio alimentação ou qualquer outra ajuda?

**Entrevistado:** Já houve muito ajuda, mas até agora só tem ali na Cuba de cima que Jaílton (morador das proximidades) é que vem, de todo sábado dar o catecismo pros meninos da escola, quando é pro fim do mês tem a missa. As vezes tem entrega de batatas, macaxeiras pelo CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) aí ajuda a gente, as vezes são as igrejas mas já faz tempo que isso não acontece.

**3 Misael:** Percebi que na comunidade a senhora e o pessoal utilizam e fazem uso do plantio em algumas áreas, queria que me explicasse se tem alguma divergência sobre isso e sobre esse terreno aqui da frente.

**Entrevistado:** É como agora. Era mesma coisa a gente só plantava milho, feijão, macaxeira, batata, inhame, era difícil a gente plantar uma “toceirinha”, era só 1 ou 3 só pra gente comer mesmo sabe, mas nós só plantava mais roça, macaxeira, milho e feijão. Quando era no tempo do inverno nós plantava tudo, quando era roça milho, feijão, aí só ficava a roça pra gente ficar trabalhando dentro, era somente.

**Entrevistado:** Olha diz que esse terreno aqui é da prefeitura, outro diz que não, outro diz que é, eu sei que no ano passado, não sei qual foi o ano, diz que o dono desse terreno, um tal de Claudio das famílias de “chichi”, diz que não era pra ninguém plantar aqui porque ia colocar o trator cortar tudinho, não queria ninguém trabalhasse aqui aí veio um vereador aí disse a Cleusa (moradora) pra plantar deixasse ele chegar, conversar muita besteira aí depois dissesse a ele que ia resolver com ele aí dessa vez ele não veio mais nunca. E assim ninguém sabe de quem é esse terreno, só Deus sabe, só sei que nós estamos trabalhando dentro dele, estamos aí plantando milho, feijão perto de florar, perto de pendoar, essa roça aí é minha, nós estamos trabalhando dentro, quando o dono chegar vamos ver no que vai fazer.

**4- Misael:** Existem alguma integração de programa do governo ou municipal de auxílio para a senhora ou para as pessoas que residem aqui?

**Entrevistado:** De vez enquanto as moças lá do CRAS né, elas trazem macaxeiras, batatas, feijão e inhame para nós todos. Ou quando não é elas é ajuda do povo das igrejas.

**5- Misael:** Existe a coleta de resíduos, ou o caminhão do lixo passa por aqui? **Entrevistado:** Não. Não existe aqui, mas nessa comunidade Cuba de Cima e de Baixo existem sim a coleta do lixo e do esgoto. Tem dias que o caminhão de lixo passa por lá, agora aqui nunca passou.

**6- Misael:** Dona Maria, aconteceu algum conflito quando a senhora começou a morar aqui nesta área?

**Entrevistado:** Não. Não que eu saiba nenhum conflito aconteceu não, desde que moro aqui não vi nenhuma briga ou discursão para tomar terreno de ninguém. O pessoal chegava, fazia sua casinha e pronto.

**7- Misael:** Qual o grau escolar da senhora e as crianças daqui frequentam as escolas?



**Entrevistado:** As crianças que moram aqui elas frequentam graças a Deus a escola, nenhuma está fora da escola. As minhas crianças já estão grandes, mas ada vizinha lá da frente que muitos meninos vão para a escola todos os dias.

## ROTEIRO DA ENTREVISTA 02

**Pesquisador:** Misael Tristão da Cruz

**Matrícula:** 172430020

**Entrevista realizada dia** 10/06/20222

**Misael:** Bom Dia Dono(a) “M”! Posso fazer algumas perguntas em relação a comunidade periférica pra senhora?

**Entrevistado:** Bom dia! Sim, pode ficar à vontade

**Misael:** existe alguma representatividade aqui nesta comunidade em prol dos seus direitos?

**Entrevistado:** Não tem nenhum representante, mas deveria; até porque nós precisamos de muita coisa. Uma pessoa que tome conta, que diga assim: vou tentar fazer isso e vou conseguir, mas infelizmente aqui não chega, só vem em tempo de política que aparece. Aí ganha e some, assim mesmo é o prefeito que a gente mesmo não conhece; quer dizer como prefeito, conhece como policial.

**Misael:** Certo! Agora queria saber qual seria a renda da comunidade, se a senhora é aposentada?

**Entrevistado:** Meu esposo é. Eu estou tentando me aposentar

**Misael:** Mas a maioria daqui da comunidade conta com a aposentadoria?

**Entrevistado:** conta com o Bolsa família. Alguns poucos são aposentados.

**Misael:** Certo. Como é a rotina da senhora no dia a dia? O que a senhora faz durante o dia?

**Entrevistado:** Meu filho se eu for dizer a você, você vai ficar... Eu faço tanta coisa, aqui eu tenho que pegar água, água pra gastar, pra beber, cuidar das minhas galinhas, dos meus cachorros, cuidar da minha casa e ainda ter algum aborrecimento com os outros em vim na minha porta dizer: a energia está cara. Porque aqui não tem energia, a energia da gente é tipo de quem vem lá da sucata ali, então tem que arrecadar dinheiro de todo mundo. Mas acham que a gente tem a obrigação, não pode né?! Tem que concordar. Quando a gente chama para conversar, ninguém quer.

**Misael:** Quer dizer que ninguém planeja se reunir, conversar?

**Entrevistado:** “Nam na nina não”.

**Misael:** A senhora faz algum serviço para complementar a renda familiar?

**Entrevistado:** Assim... o que meu esposo ele ganha, só eu e ele, dá para a

gente comer, dá para a gente viver né? Muito bem graças a Deus. Então já trabalhei muito, agora cansei.

**Alice:** Aqui existe algum amparo da sociedade em ver a realidade de vocês?

**Entrevistado:** Aqui não. Já nos outros cantos. Nessa “comunidadezinha” aqui não, não sei se ela é pequena e eles acham que não existem, não existe ninguém.

**Misael:** Às vezes pessoas passam aqui, mas não ajudam, não é?

**Entrevistado:** Aqui, raramente tem ajuda do CRAS (Centro de Referência Em Assistência Social) raramente, porque é pra quem tem cadastro, tem que fazer o cadastro, você vai lá, como eu estou aqui a uns 6 anos, já lutei pra fazer esse cadastro, mas nunca consegui. “Não hoje não tem não, venha para a semana”. Quando eu vou, não já preencheu. Aí deixe para lá.

**Misael:** Sim. Poucas pessoas daqui tem esse cadastro né?

**Entrevistado:** é. Aí quando sobra alguma coisa lá que os outros não vão pegar aí eles mandam chamar.

**Misael:** A senhora sabe me dizer quantas famílias residem aqui na comunidade?

**Entrevistado:** (silencio) aí tem que fazer as contas, todo dia chega um... Mas estou colocando assim mais ou menos... Dona Cleuza, Luh, Toca, Preta, Ana, Marligi, pessoal de dona Zefinha, Carlos cantor, tem dona Vânir, seu Jack, dona Maria, Paulo, dona Jó e eu. São o quê?! Eu estou colocando umas 13 pessoas. Mas aqui é o seguinte, tem gente que, porque aqui vem doação, digamos assim, o povo vem fazer doação final de ano, dá uma certa básica, aí tem umas pessoas que tem casa lá nos outros cantos e corre pra cá, quando chega essa época, faz um barraquinho e “soca” dentro entendeu?!

**Misael:** haa, uhum.

**Entrevistado:** Entendeu? Aí passa aquele período cai fora, aí é complicado. Mas geralmente só tem 13 pessoas, 13 famílias. Aqui é assim.

**Misael:** Tá certo, obrigado dona Maria pelo seu esclarecimento.

**Entrevistado:** de nada.